

MARÉ DE MATOS



Maré de Matos, artista transdisciplinar. Mineira, do Vale do Rio Doce. Graduada em Artes Visuais na escola Guignard (UEMG), Mestre em Teoria Literária (UFPE), atualmente desenvolve o projeto-pesquisa museu das emoções no Doutorado (USP).

Exercita o tensionamento entre versão e verdade; história única e contra-narrativas polifônicas; poder e posição e quer incendiar esta configuração de mundo. Pesquisa representação e responsabilidade, imaginário e delírio da modernidade, invenção da raça e narrativa de si, subjetividade e pedagogias contra-coloniais. Atua em linguagens híbridas e seus trabalhos situam-se, sobretudo, no vão entre os territórios da imagem e da palavra. Se interessa pelo atlântico negro como processo formativo; pela revisão como princípio e pela poesia como ferramenta política de emancipação. Defende o direito à emoção de sujeitos negros privados do estatuto de humanidade.



Escute o poema na plataforma SoundCloud

"**'eu quero'** é uma obra que nasceu de um poema que na primeira linha levanta sua bandeira: esta configuração de mundo está morta.

O tecido vermelho, exposto em 2018 como um discurso público, veio mesmo pra anunciar um desejo de futuro que me acompanhou até janeiro deste ano, sentido João Pessoa, quando encontrei a ruína pra cena deste ensaio visual.

Na cena, sou eu, anunciando meu desejo de atear fogo em um tipo de mundo que não nos comporta. Creio que hoje tá evidente que transformação é nossa maior demanda. E sim, se o mundo é um cachorro latindo, eu tô latindo de volta. "

Maré de Matos



EU QUERO INCENDIAR
ESTA CONFIGURAÇÃO
DE MUNDO

MARE

EU QUERO (2020) | fotografia, 140 x 240 cm

Anti-bandeirante (2019-) é uma série composta por bandeiras que refutam a naturalização de práticas de dominação. Os ensaios visuais versam sobre a dialética da emancipação e questionam a ideia destrutiva de civilização.



Marco zero, 2019 | fotografia, 150 x 100 cm



HISTÓRIA
É UMA
FICÇÃO

História, 2019 | fotografia, 150 x 100 cm



RACISMO
É UMA
TRADIÇÃO

TELEMAR

Racismo, 2019 | fotografia, 150 x 100 cm



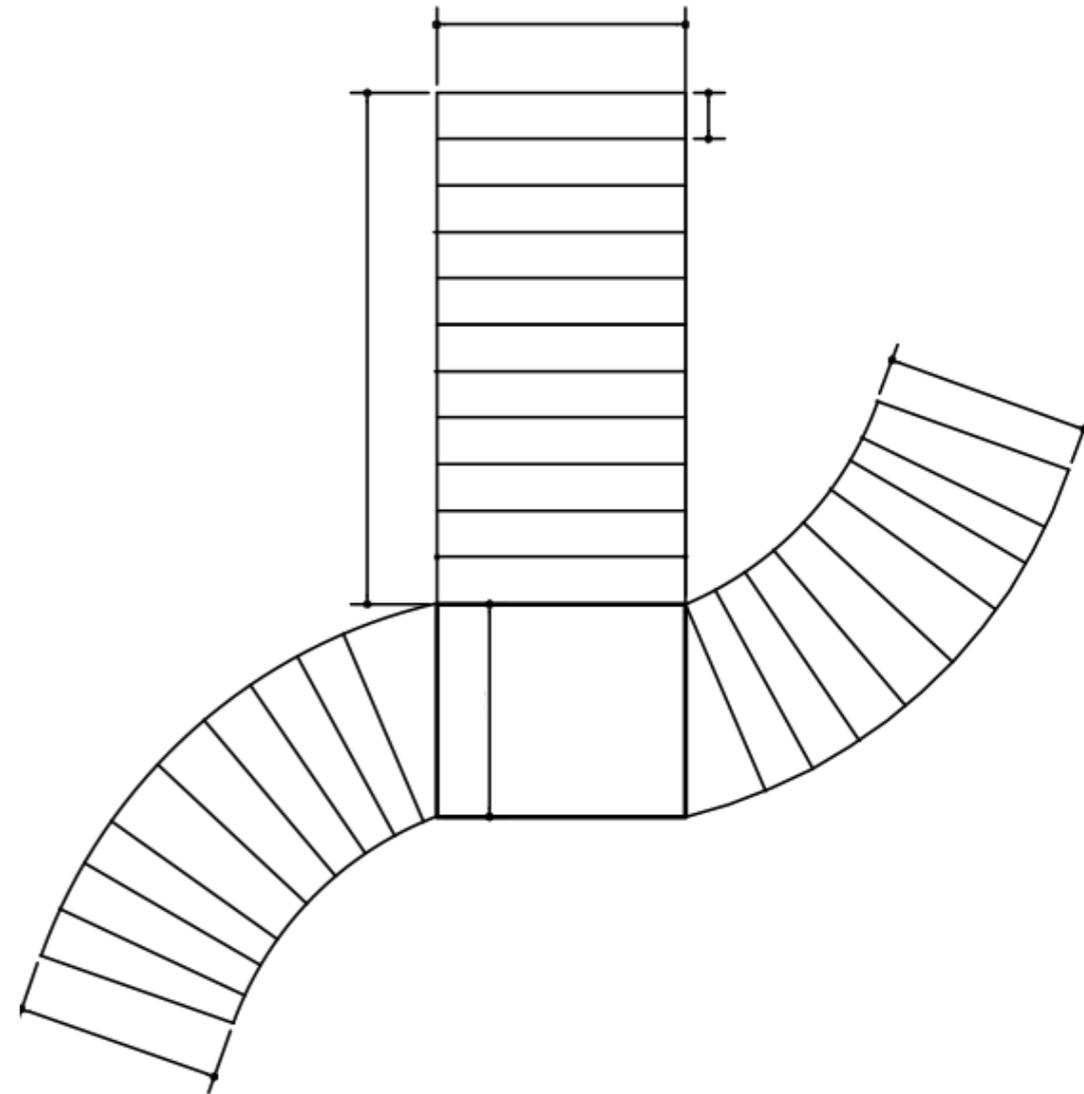
SELVA
SEM
É A
CIVILIZAÇÃO

Selvagem, 2019 | fotografia, 150 x 100 cm

Com uma pesquisa dedicada à contribuição de subjetividades negras para o pensamento decolonial, Maré de Matos busca em sua prática artística exercitar o tensionamento entre versão e verdade; história única e contra-narrativas polifônicas. Num esforço de elucidação dos legados coloniais, suas obras partem da criação de novos enunciados e propõem outros contornos para antigas estruturas. Matos atua em linguagens híbridas e defende o direito à emoção de sujeitos privados do estatuto de humanidade. Seus trabalhos situam-se, sobretudo, no vão entre os territórios da imagem e da palavra.

Na instalação criada para a 10a Mostra 3M de Arte – Lugar-comum: travessias e coletividades na cidade, Matos criou uma escultura que convida à participação e evoca a pluralidade e linguagem como seus elementos principais. O trabalho é composto por um platô para onde convergem três escadas que se originam em orientações geográficas distintas. Para alcançar o alto da plataforma, o participante acessa a escada que corresponde a seu trajeto. Na plataforma, poderá utilizar megafones para dizer aquilo que desejar e ter assim sua voz amplificada em direção ao espaço do parque. Há também um megafone disposto a uma altura acessível a cadeirantes, idosos e crianças ou pessoas que não puderem subir os degraus. Diante do púlpito, uma bandeira de tecido estendida completa a obra com a inscrição *Todo gesto fala*.

Além de seu caráter participativo e do estímulo à possibilidade do encontro a obra se desdobra como uma subversão do púlpito enquanto lugar do orador único, do representante e da autoridade. Matos convoca o público a protagonizar este espaço de poder.





Vista aérea Púlpito público, 2020 | instalação



Y
-+Ψγ^÷
TODA
GESTA
FALA
-†x+Ψμγ+x†-
Y
M
=

Púlpito público, 2020 | instalação



Detalhe megafone da instalação



FUNDAMENTO (2019)
poesia multimídia, 500 x 300 cm

FUNDAMENTO nasce da observação do poder devastador que a colonialidade exerce sobre a vida. Ainda, sobre invenções de estatutos regulatórios que desconsideram muitos modos de existência. E, sobretudo, a partir de inquietações sobre como exercitar a subjetividade após um processo de desumanização. É uma obra que tensiona construção de imaginário; invenção da diferença; subalternidade; ficcionalização da vida; violência simbólica; e celebra as existências múltiplas, as humanidades; subjetividades e o exercício da cidadania e da alteridade. É uma obra que se forma a partir do encontro entre existências não hegemônicas e a possível maravilha que nasce quando estamos dispostos a perceber o que não havíamos considerado antes. Ela se configura a partir do desejo latente em estabelecer contato com sujeitos limitados pelo princípio da normalidade e pela construção de imaginários e aprender com o poder que essas existências têm de reconfigurar caminhos.

ANTES DE CRUZAREM

AS

FRONTIÇAS

DA (PASSA)

HUMANIDADE



COM O PESO MONOLÍTICO DE SEUS COSTUMES E SISTEMAS DE PENSAMENTO;

ANTES DA SÚBITA INVENÇÃO DAS

NORMAS E MODELOS

ANTES DA PRODUÇÃO E APRIMORAMENTO DAS TÉCNICAS DE GERENCIAMENTO DE

ME DO



EMBORA CONTRAIAM

PÁTRIA

LÍNGUA

ASSIM COMO EMPUNHAM

FACAS

TÁTICAS

EMBORA CONSTRUAM

OBSTÁCULOS

EM CAMINHOS ESTREITOS QUE NOS QUEREM

ARQUIPELAGOS

EMBORA MANTENHAM

CORAÇÕES APAGADOS

POR AUDÁCIA MESMO EMBORA DETERIOREM AS PONTES QUE NOS LIGAM A NOSSO

DIREITO À EXISTÊNCIA

A ÓRGÃOS QUE PRODUZEM PIRÂMIDES DAS DIFERENÇAS;



FRÁGEIS AFIRMEM-SE NO DELÍRIO COLONIAL DA UNIVERSALIDADE,

MESMO QUE ESTRATEGICAMENTE

VIOLENTOS

SE APOIEM NA

ESCRITA

E OUTROS PROJETOS DE

NOS RESTA

SENSIBILIDADE, VOZES E GESTOS;

AINDA QUE NÃO SAIBAM MAS NOS DIGAM

SINTO MUITO



DE NÃO TEREM TEMPO PRA

OUTRAS CONFIGURAÇÕES DE MUNDO



É também pela reescritura do passado colonial e pela invenção de novos léxicos sociais que a artista e poeta Mariana de Matos (Governador Valadares, MG, 1987) cria o poema multimídia Fundamento (2019). Ela trata, em sua obra, da necessidade de “matar imaginários” perpetuados por narrativas hegemônicas, que reproduzem padrões de violência e segregação.

Julia Rebouças sobre a obra Fundamento (MAM-SP, 2019)



Escute o poema na plataforma SoundCloud

Sertão doce é uma instalação que aborda a maior tragédia ambiental do Brasil, protagonizada pela mineradora Samarco em 2015, em Minas Gerais. Este trabalho trata do que é naturalizado mas também oculto: a relação extrativista como legado colonial instaurado no seio do estado de Minas Gerais e como nossa memória é confundida com a ruína da exploração.

A obra é composta por bandeira dourada, tabela periódica, áudio, aquário com peixes e peneira com minério.



SERTÃO DOCE - Na ruína do império (2018) I

Bandeira

40 x 40 cm



FERRAMENTAS

"Era janeiro em Salvador, quando sonhei que estávamos vivendo exatamente o que estamos. Era um pesadelo, afinal, a vida era só de incertezas. Mas na parte do sonho, existiam ferramentas que tinham poder de nos transportar imediatamente pra outra realidade. Era empunhar a ferramenta de questão que muitas soluções vinham ou era apontar a ferramenta de resgate pra ir de encontro a algo precioso no passado. Eram ferramentas de ferro e sonho e estavam maravilhando um mundo duro que não tinha mais recursos de poesia. Ainda em janeiro construí as ferramentas do sonho junto com Seu Edimilson, mestre artífice há 50 anos na Ladeira da Conceição da Praia. "

Maré de Matos, Salvador, 2021



ferramentas de questionar
escultura em ferro, 35 x 6 cm



ferramentas de caminhar
escultura em ferro, 45 x 12 cm



ferramentas de resgatar
escultura em ferro, 36 x 7 cm



ferramentas de retornar
escultura em ferro, 35 x 12 cm



C10
Lume
São Paulo

QUEM
PDA E TÁO
QUE PAU SEM VITÓ
ESCREVA A PALAVRA
MÁ
COMO FRUTO DO PARADISO
VITÓRIA
DESTINO
INSTRUMENTO DE IMAGINAR

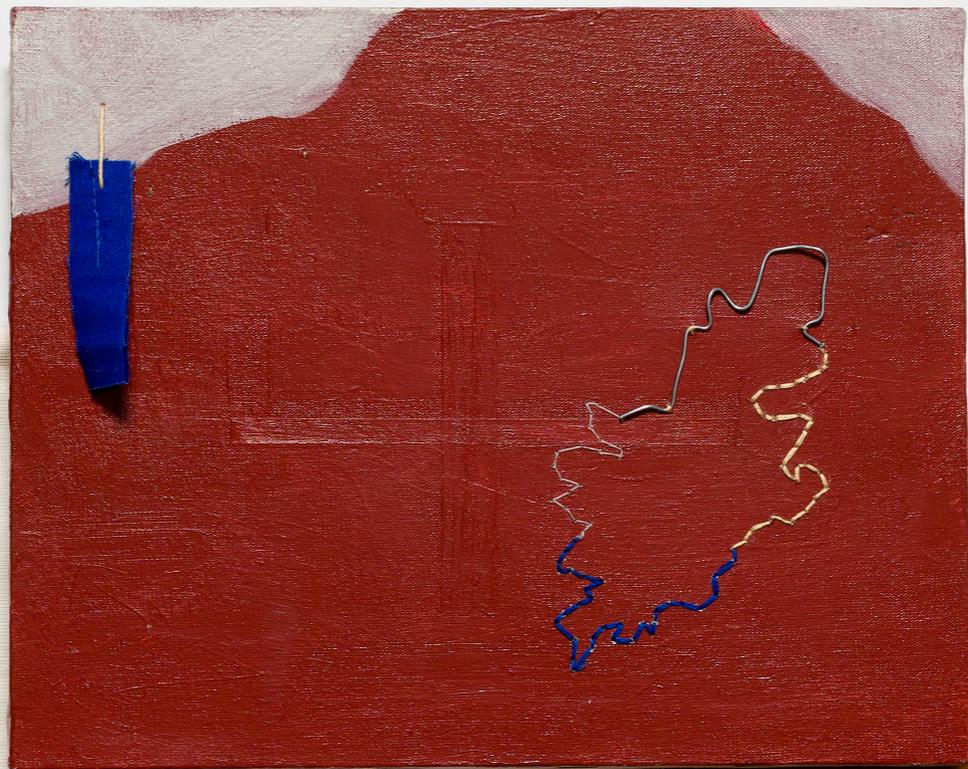


NEM
DESCOBERTA
, NEM
CONQUISTA

QR code and gallery information

QR code and gallery information

SENTIR



TERRA



a primeira vez que voei foi na pg. 35, 2023
instalação têxtil [textile installation]
medidas variadas



SPRAY I (2016)

aquarela, tipografia e colagem sob papel, 45 x 31 cm



BALA PERDIDA (2016)

aquarela e tipografia em papel, 45 x 31 cm



A EMOCÃO É UM
DIREITO

A Emoção é um direito, 2020 | fotografia, 150 x 100 cm

A black rectangular fabric artwork with gold lettering. The text is arranged in two lines: "A EMOÇÃO É UM" on the top line and "DIREITO" on the bottom line. The letters are stylized, with some unique shapes, particularly the 'ç' and 'ã' in the first line, and the 'j' and 't' in the second line. The fabric has a slightly textured appearance and the edges are slightly irregular.

A EMOÇÃO É UM
DIREITO

A EMOÇÃO É UM DIREITO (2020)

Acrílica sobre tecido, 47 x 150 cm



CAMINHOS (2020)

acrílica sob tela, 40 x 40 cm

pedagogia do peito

economia da esperança;



emoção como direito;

construção de imaginário;

invenção da raça;

arqueologia racial

INDIVIDUAIS

2023

‘Mais valor que valia’, texto crítico de Ricardo Aleixo, MISCAMPINAS, Brasil

2022

‘Mais valor que valia’, texto crítico de Ricardo Aleixo, Galeria Lume, São Paulo, Brasil

2016

Como viver do desejo – MAMAM, Recife, Brasil

COLETIVAS

2023

Meu corpo: território em disputa, curadoria de Galciane Neves, Nara Roesler, São Paulo, Brasil

Mulheres que mudaram 200 anos, Caixa cultural, São Paulo, Brasil

2022

Um enorme passado pela frente, curadoria de Cristiana Tejo, Plataforma Revolver, Lisboa, Portugal.

Histórias Brasileiras, curadoria de André Mesquita e Lilia Schwarcz, Masp, São Paulo, Brasil

Social Fabric: Art and activism in contemporary Brazil, Visual Arts Center, Austin, Texas, EUA.

Um defeito de cor, curadoria de Marcelo Campos, Amanda Bonan, Ana Maria Gonçalves, MAR, Rio de Janeiro, Brasil.

Horizontes Moventes, MAPA, Natal, Brasil.

Ferramenta, ferragem, ferrugem, curadoria de Ana Elisa Lidizia, Paço das artes, SP, Brasil.

No meio da rua no meio do redemoinho, curadoria de Catarina Duncan, Pacaembu, São Paulo, Brasil.

2021

Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros, curadoria de Hélio Menezes e Raquel Barreto, IMS, São Paulo, Brasil.

Por um sopro de fúria e esperança, curadoria de Galciane Neves e Natalie Understell, MUBE, São Paulo, Brasil.

Língua Solta (curadoria Moacir dos Anjos e Fabiana Moraes), Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, Brasil

Real Fake, curadoria de Paulo Kassab, Galeria Lume, São Paulo, Brasil.

2020

Lugar Comum: travessias e coletividades na cidade, curadoria de Camila Bechelany, Ibirapuera, São Paulo, Brasil

10 Mostra 3M de arte: lugar comum: travessias e coletividades na cidade (curadoria de Camila Bechelany)

Parque Ibirapuera, São Paulo, Brasil

Abre caminhos! (curadoria de Hélio Menezes), CCSP, São Paulo, Brasil

Farsa, (curadoria de Marta Mestre), Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil

2019

Sertão: 36 Panorama da Arte Brasileira, (curadoria de Júlia Rebouças e assistência curatorial de Catarina Duncan), MAM-SP, São Paulo, Brasil

Ontem, hoje, agora (curadoria Catarina Duncan), So- lar dos abacaxis, Rio de Janeiro, Brasil

Epistemologias Comunitárias: Arte contemporânea de autoria negra, (curadoria Janaína Barros) ,Centro Cultural UFMG, Belo Horizonte, Brasil

Cataclisma, Garrido Galeria, Recife, Brasil

Entremoveres (curadoria Ariana Nuala e Ana Lira), Museu da Abolição, Recife, Brasil 2018

• (curadoria de Catarina Duncan), Galeria Leme, São Paulo, Brasil

Os da minha rua (curadoria de Joana D’Arc Lima), Museu da Abolição, Recife, Brasil Vetores, (curadoria Ariana Nuala),

Museu Murilo La Greca, Recife, Brasil

A noite não adormecerá (curadoria de Julya Vascon- celos), Amparo 60, Recife, Brasil

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

2022

koda: racial justice (ny, eua)

2021-2022

veiculo sur (frança | são paulo)

2021

pivô arte e pesquisa (são paulo)

2016

afrotranscendence (são paulo)

OBRAS COMISSIONADAS

2021

Oralidade (curadoria de Moacir dos Anjos e Fabiana Moraes), Museu da língua portuguesa, São Paulo

2020

Como aprender com o imprevisível? (curadoria de Hélio Menezes), Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil

Púlpito Público, 10 Mostra 3M de arte – Lugar comum: travessias e coletividades na cidade (curadoria de Camila Bechelany), Parque Ibirapuera, São Paulo, Brasil

2019

Fundamento, 36 Panorama da Arte Brasileira (Curadoria Julya Rebouças), MAM-SP, São Paulo, Brasil

PARTICIPAÇÃO EM PUBLICAÇÕES

2020

Cadernos de Campo, (com Vânia Medeiros), São Paulo, Brasil O poema se chama política, Pernambuco, Brasil

2019

What path leads to this ruin? – The Funambulist – Politics of Space and Bodies, Paris, França

Palavra amolada, Revista Miolo, EBA, UFBA, Bahia, Brasil

Revista Organismo, Bahia, Brasil (Curadoria Conceição

Evaristo, Lívia Natália, Ricardo Aleixo e Evanilton Gonçalves)

LIVROS PUBLICADOS

2022

No píer do Peito (amargempres + Bendito ofício)

2017

Poesia pra Pixo [Bendito Ofício]

2016

Meta [Bendito Ofício]

2014

Meu corpo é um esconderijo [Ed.Penalux]

2010

Prosa e Verbo [Ed.Bendito Ofício]

2009

Para acabar com as obras primas ou sobretudo o verso [Universidade Estadual de Minas Gerais]

Suas obras foram adquiridas pelo CCSP – Centro Cultural SP, Sesc SP e acervos privados.

rua Gumercindo Saraiva, 54 | Jardim Europa

Cep 01449-070 | São Paulo | Brasil

+55 11 4883 0351

+ 55 11 9 3281 3346

contato@galerialume.com

WWW.GALERIALUME.COM